

Uma região em busca de identidade A region in search of identity

Carlos Ascenso André

Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

caa@fl.uc.pt

Construirá o observador seu miradouro, lugar de afadigada vigia e aturada vigília, de onde possa contemplar o longe e o perto, o tempo e o espaço, o vai-e-vem dos dias e o vai-e-vem das gentes, os rostos e os passos, as vozes e os silêncios, as mansões e os casebres, o marulhar do vento e o mergulhar das águas. Construirá o observador seu miradouro. E, com precisão, nele há-de desenhar seu posto de vigia, a coberto de tempo e de olhares, resguardado, porventura, de si mesmo.

Dali espreitará as serranias, sejam as que albergam sombras frondosas e segredos insuspeitados, nos cumes da Serra de Sicó, sejam as que se expõem ao sol, na aridez de Aire e Candeeiros, prenhes de pedraria e de grutas por esventrar, sejam as falésias alcantiladas que a pique resvalam sobre as marés imponentes de Peniche. Serão diferentes, talvez; mas serão, também, semelhantes, na sua altivez de serra e pedra e na sobranceira com que desafiam o olhar e o sol e os pequenos abismos que delas parecem ter-se desprendido no correr dos anos.

Dali espreitará rios e ribeiras, arroios e riachos, valas e levadas. Dali verá serpentear o Arouce, ainda cristalino entre pinhais, ou a Ribeira de Pêra, onde se guardam memórias de fiandeiras. Dali verá a Ribeira de Seiça, que ao mar parece fugir, para se refugiar no Nabão, logo ao lado. Dali verá o Lis e o Lena e tentará perscrutar-lhes histórias e lendas de encantar, cantos pastoris e novelas de amores que nas pregas alongadas da memória se disfarçam, ainda, como se nas águas dos amorosos rios lograssem esconder-se, até que, enlaçados, se deixem suavemente mergulhar nas areias da Vieira. Dali verá o Alcoa e o Baça e, quem sabe?, os hinos de monges que neles ficaram a ecoar sob as arcadas do Mosteiro. Serão diferentes, por certo, todos eles, diferentes no serpentear, diferentes no dedilhar da memória; mas serão semelhantes, também, na sua essência de água fresca, nascida da terra e que com ela se confunde.

Dali espreitará, ainda, fortalezas e castelos, carregados de tempo e de história, habitados por moiras encantadas e lendas de encantar. Aquele que em Pombal se ergue, sobranceiro à planície e ao Arunca, sentinela atenta a perscrutar os domínios do Marquês. Ou estoutro que serve de sombra protetora a Leiria, irmanado com a Catedral, habitado por sombras da fidalguia que, nas noites de verão, parece, ainda, contemplar dos paços senhoriais a cidade que a seus pés se desdobra, rente ao Lis. Ou essoutro que conserva a memória dos Condes de Ourém, entregue ao seu ermo desassossegado, de onde contempla os vales que dali se espriam serra

fora, como se aguardasse, em cada esquina de cada dia, de cada ano, o eriçar das lanças guerreiras, o tropel dos cavalos que para Aljubarrota se aprestam ou o despertar dos fantasmas sepultados pelo terramoto de 1755. Ou um outro, ainda, que resplandece de verdes beirais ante o sol a pino, em Porto de Mós, altivo no cume da colina, como que a espreitar exércitos perdidos no tempo, acautelado de invasores hostis que rumam à mesma batalha. Ou as ruínas de um outro, em Alcobaça. Ou um fortim a desafiar as vagas, lá em baixo, na Nazaré. Ou uma fortaleza em cujas celas se escondem segredos de torturas e gemidos que as águas não apagam, em Peniche. Ou, enfim, as longas muralhas que, em Óbidos, parecem querer abraçar a lagoa, ameias alçadas ao sol poente, onde se adivinham lanças e capacetes e estandartes, que de armas e cor é feita a bordadura do castelo. Serão diferentes, todos eles, sem dúvida, no recorte, no desenho, na construção, na cor e, até, na grandeza. Mas são, também, semelhantes na altivez do porte, na ostentação da força, no peso dos anos, da história, das lendas, semelhantes, afinal, na sua função de guardiães da memória e dos rostos de quem a habita.

Dali espreitará templos, catedrais, mosteiros e conventos. Uma pequena ermida na Golpilheira ou em Tomaréis ou em Seiça ou em Cela, em Cós, em Redinha, em Monte Real, na velha cidade termal de Caldas, uma pequena ermida, no fim de contas, em cada aldeia, em cada povoado, a ecoar cantos de sabor medievo. Dali contemplará catedrais e sés, como em Leiria, imponente aos pés do castelo, alçada sobre o lajedo com as cores dos séculos e dos passos que o pisaram, ou em Ourém, erguida das cinzas do terramoto, para albergar a velha cripta do fundador, ou em Milagres, na grandiosidade do santuário, ou em Atouguia da Baleia. Ou em Fátima, sem o peso do tempo, mas com o peso da fé e das multidões. E deter-se-á em mosteiros com mil segredos por desvendar, com pedras que albergam, ainda, os fazedores de uma história de oito séculos e uma arquitetura especiosa nos seus arcos, suas naves, suas capelas feitas ou imperfeitas, e seus silêncios e seus cânticos, seus monges, suas preces, seus rituais; e seus heróis, também, venturosos ou malditos, amados ou odiados, heróis no seu tempo e heróis adiados, e, com eles, seus mitos e suas crónicas por escrever. Verá, talvez, Pedro e Inês, em Alcobaça, os Príncipes de Avis na Batalha, rostos sem nome em Cós. Serão diferentes esses templos perdidos em aldeias por descobrir, essas largas igrejas, sés e catedrais, esses conventos e mosteiros, cada um com suas linhas, seu

retrato, afinal, cada um com seu orago e seu oráculo, cada um com sua raiz e seu presente, cada um com sua arte e seu artista, quando o tempo no-lo deixou, que as mais das vezes se perdeu nos meandros dos séculos o nome do arquiteto. Serão diferentes, sim. Mas serão, também, semelhantes na sua essência de templos, no seu silêncio e quanto nele se guarda de vozes vindas de longe, na sua traça apontada ao azul do céu, na sua presença dominadora sobre léguas em redor, na crença com que foram feitos, na esperança que os ergueu, nas paredes rasgadas de preces que os encerram.

Deter-se-á o observador em seu miradouro, qual posto de vigia e posto de combate com o tempo, com a história. E dali verá como são diferentes as águas que se vão espriando na Vieira, no Samouco, no Osso da Baleia, no Pedrógão, daquelas que perdem o vigor São Martinho adentro, na placidez da enseada; diferentes, também, das que embatem com fúria destruidora contra a penedia de São Pedro de Moel ou contra as falésias castigadas de Peniche. E experimentará olhar todas as vagas com o olhar sentido de Afonso Lopes Vieira, poeta de terra e de mar:

“Vejo no mar, para onde os olhos deito,
ondas altas quebrando com bravura:
e um penedo alevanta a rocha dura,
onde o limo pegou com brabo jeito.”
(*O poeta saudade*, p. 41)

Ou, mais tomado da grandeza do areal:

“Quando o Mar, rouco e demente,
arma as ondas para a guerra,
e avança raivosamente,
cravando as unhas na Terra,
(....)
p’ra grande fúria do Mar
em sua alma lhe diz
p’los ramos a baloiçar:
Senhor Mar, que mal lhe fiz?”
(*Ar livre*, p. 29-30)

E declamará os versos mil vezes recordados do mesmo poeta, em homenagem ao Pinhal de Leiria:

“Catedral verde e sussurrante, onde
a luz se ameiga e se esconde
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz do mar.”
(*Ilhas de bruma*, p. 75)

E, ao dizer, assim, os versos do poeta, não saberá o observador com qual dessas praias melhor casam, de quantas, em sua contemplação solitária, acabara de visitar. Como ficará o observador incerto sobre a catedral do poeta; era ela, então, sabe-o bem, o velho pinhal da lenda e do rei; mas pode ser qualquer outra floresta de pinho, que tantas há na região, pois em todas elas parece alongar-se a longa voz do mar; e podem ser as fundas cavas de Peniche ou de São Pedro, onde não menos se alonga e se

prolonga, num tumulto infindo de águas revoltas, a longa voz do pai oceano.

E descobrirá, ante a surpresa e a emoção, que o retrato da fera bruta e abrupta, traçado a carvão por Loureiro Botas, mantém plena atualidade, seja ele desenhado na Vieira, onde o foi, seja na Nazaré, seja nos areais de Peniche:

“Tomado de uma bárbara beleza o mar era outra vez a fera desvairada a vomitar raivas. Cruzava as suas ondas sobrepostas, entrechocando-as, espadanando-as, reabsorvendo-as para lhes dar maior força, espalhando-as pelo ar, em franjas de cristal: arrancava das entranhas ribombos e rugidos, uivos que se diriam soluços de monstro extenuado. Erguia-se e tombava: e desmaiava, e ressurgia, chocalhando castelos, sacudindo gigantes indomáveis, torcendo, derruindo, fumegando, arremetendo com a terra, a babar-se todo em amarelentas espumas que vinham rebentar em brancuras de neve. A praia era barreira alta de areia cavada pelas marés: e as ondas rojavam-se até essa areia sedenta, regressando, rápidas, para embater com outras que se apressavam a expandir os ímpetos incontidos.”
(*Litoral a Oeste*, Lisboa, Livraria Portugália, 1940).

Do seu miradouro perscrutará o observador mulheres e homens, rostos tisonados de tempo, corpos marcados de terra, com odor a resina, uns, com odor a maresia, outros. Mulheres e homens que na terra buscam seu sustento e seu alento, que na terra lavram suas agruras e seus desvários, que madrastra é ela para quem dela vive, como em Bombarral, em Óbidos, em Caldas, em Alcobaça. Mulheres e homens que nessa outra terra mergulham as mãos, barro chamada, dele fazendo formas e cores e sonhos e pão. Mulheres e homens que em Alcobaça, em Caldas da Rainha, em Porto de Mós, na Bajouca porfiam, ainda, na afirmação da arte cerâmica, tão velha, tão gasta, mas tão sua, apostados numa crença que no passado encontra a sua raiz. Mulheres e homens que à boca de um outro forno assomam, presos dessa outra arte, a do vidro, por terras de Marinha Grande, e dessas bolas de fogo constroem formas e cores e novelos de luz e lampejos de azul, como se na transparência do vidro e do cristal se inscrevesse e se escrevesse, em cada dia, um poema. Mulheres e homens que trabalham o ferro e o aço, na mesma Marinha Grande, na Vieira, apostados, quem sabe?, num futuro que mergulhe alicerces em algo mais que a fragilidade da argila. Mulheres e homens que dão o corpo ao mar, que arrastam as redes, que empunham os remos, que rompem as águas, que suportam os batéis, que garimpam o peixe, nessa luta desigual e quase sempre inglória, mas que não deixa nem faz esmorecer as gentes de Vieira, de Pedrógão, de Nazaré, de Peniche.

Talvez se interrogue o observador, perplexo no seu ponto de vigia, sobre quais os laços de identidade

que unem os pontos cardeais deste breve território que com o olhar vem visitando. E aventurar-se-á, porventura, à conclusão de que poucos serão e de escassa legitimidade para neles se fundar um parentesco.

Distintos são, com efeito, os campos onde viceja a pãra rocha, de Caldas a Bombarral, rumo a sul, daqueles que reverdecem da pujança hortícola, em Valado ou Caldas, ou desses outros onde se arredondam de cor e sabor os pêssegos de Alcobça; como distintos são os campos do Lis, outrora vasto paul e hoje recobertos de milheiral, ou as pequenas courelas por Ourém, por Figueiró, por Alvaázere, ali, rente à serra, mais dadas a receber a sombra dos pinhais que a produzir miríades de fruta ou alimento.

Em toda essa terra se recobre o solo de vinhedos, é verdade. Mas longa é a distância que separa as uvas de Óbidos e Bombarral e o vinho que delas se produz das cepas de Cortes ou de Ourém ou da Batalha ou de Pombal, menos afamadas, talvez, não menos especioso o seu produto, também. Mas são vinhedos, valha a verdade; e neles se encontra um traço unificador do espaço que vai das faldas de Sicó à raia estremenha que se afunda entre o mar e as portas de Lisboa.

Dirão alguns, não sem ironia, porventura, haver uma mancha que cobre, com regularidade pouco menos que uniforme, o território que o observador veio visitando e que dá pelo nome pomposo de suinicultura. Desvios do nosso tempo, valha a verdade, mais apostado em buscar soluções de emergência e contingência que arrimos radicados na tradição. Condição não bastante, em todo o caso, para nela fundar traços definidores de identidade (e que identidade seria essa?); além de que não são poucas as ilhas que escapam a essa cobertura mais abonada que abonadora e a custo definidora de qualquer identidade que seja.

Mas olhem-se as pessoas, dirá a teimosia insistente à perplexidade indagadora do observador. Se olharmos as pessoas, nem essas mesmas parecem pertencer a um qualquer clã de raízes ancestrais e rostos que mergulham os seus traços nos abismos insondáveis de um tempo jamais comum. Bem distintas serão, por desprevenido que seja o olhar, mulheres e homens do norte, entre Sicó e Lousã, com marcas de uma estranha interioridade, meio montanhesa, meio campesina, daquelas e daqueles que suas courelas lavram nos vales entre Aire e Candeiros e entre seus montes e o mar; ou das gentes mais a sul, de Caldas a caminho da Estremadura lisboeta, o mal apelidado oeste, que oestinos serão todos e todas quantas esta região habitam; diferentes nos costumes, distintas na personalidade, diversas nas práticas, nas crenças, no retrato, até, se afinada for a câmara e polida a lente. E quão distintas, enfim, essas mulheres de Nazaré e os homens que com elas dividem a faina do mar, nos seus rituais, nos seus medos, na sua ousadia, no seu folclore. E concluirá o nosso observador, contra as aparências de primeira leitura, que, de tanto pesarem as diferenças, o rosto da região é múltiplo, polícromo, multiforme e que está longe de ser único.

E o seu sentir coletivo? Perguntar-se-á. Pois bem, olhará o observador o modo como se extinguiu, em Castanheira de Pãra, o labor que lhe deu pujança e

identidade, a indústria dos lanifícios; verá como morreu de morte natural, sem clamores de indignação, quase, sem estertor em excesso nem desmesurado alarido, o mesmo é dizer, quase sem jornais nem minutos de abertura em televisões no horário nobre. E, do mesmo modo, esse outro labor, mais a sul, entre Porto de Mós e Alcobça, com extensão a Caldas da Rainha, a indústria da cerâmica. Por ali se vai mantendo, é verdade, há quem diga que em lenta agonia ou, como sustentam outros, menos pessimistas, trocando a filosofia do sucesso pela filosofia da sobrevivência. Mas também sem que o som desse definhar se faça ouvir, por ser quase em surdina que se assiste, com tristeza e impotência, aos chamados dias da crise. Não assim na Marinha Grande, a terra do vidro e uma das capitais da luta operária. Os confrontos de rua, as manifestações quase diárias, a teimosia em não aceitar o destino, a violência da reivindicação, a consciência de classe, o vigor do combate, a união de trabalhadores, de tudo isso se encheram páginas de jornais; e com cargas policiais e bastonadas e cortes de via pública e ocupação de instalações, com tudo isso se inundou o *prime time* das televisões e das rádios um pouco por todo o país. Quando outros, poucos quilômetros mais além, assistiam ao declinar da sua idade e de seu ganha-pão, reinava, na Marinha Grande, o inconformismo, ganhava espaço a capacidade de luta e afirmava-se a coesão de camaradas de armas. Destinos iguais, afinal, reações tão diversas e tão distintas!...

Não se dará por contente o observador. Olhará o passado, na busca de raízes, tentando encontrar nelas a identidade que o presente parece querer negar-lhe. Mas nem mesmo esse passado é propício a certezas. Haverá laços de parentesco, é verdade, num território bordejado de castelos, desde Óbidos até Pombal, num território semeado regularmente de templos, desde Bombarral até Ourém, num território povoado de pequenas aldeias acobertadas à proteção de quase minúsculas ermidas, de norte a sul, de este a oeste. Mas quão diversa acaba por ser a história de Figueiró ou Ansião da de Peniche, da de Óbidos; quão distinta a de Bombarral da de Ourém.

Até que, no seu posto de observação e meditação, dá consigo o observador a ler retratos espaçados que outros fizeram. Encontra-se com Francisco Rodrigues Lobo, o poeta de Leiria, de Coimbra, de Penacova, das planuras alentejanas, o poeta do Lis, do Lena, do Arunca, do Mondego e do Tejo, o mesmo que, na hora derradeira, o sorveu em seus abismos; e deter-se-á em dois passos, dos quais, deliberadamente, retira as referências mais concretas:

“Entre as fragosas montanhas de Lusitânia, na costa ocidental do mar Oceano[.....] há um espaçoso sítio partido em verdes outeiros e graciosos vales que a natureza com particular graça povoou de arvoredos e fontes que fazem nele perpétua primavera, em meio do qual se levanta um monte agudo de penedia; [.....] é cultivada a terra de muitos pastores que naqueles vales e montes apacentam, passando a vida contente com seus rebanhos

e com os frutos que a terra em abundância lhe oferece, assim de Ceres como de Pomona, porque com a benina inspiração do Céu e disposição da terra não somente são as plantas mais fermosas à vista, os frutos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro e alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados e parece que menos duros”

(*A Primavera*, Vales e montes entre o Lis e Lena, “Floresta Primeira”).

Ou ainda:

“E dali foi sair a um fermoso prado coberto de graciosa verdura onde, como em jardim próprio da natureza, havia toda a variedade de flores e boninas; em roda era cercado de muitas árvores que, sem ordem mas com um aprazível desconcerto, estavam entremetidas: em meio do copado salgueiro e sombrio freixo se levantava o fúnebre acipreste; sobre o sagrado louro e branco álamo se derramava em curiosos laços a verde parreira e da amorosa murta, que com miúdas ramas cercava os silvados representando artificiosas figuras que de outras cheirosas flores se cobriam; e ao longe aparecia com agudas folhas o áspero pinheiro pelo pé de uva serra que por ambas as partes se alevantava, e na decida dela ficavam algúas cabanas de pastores obradas com muito artifício e galantaria”

(*A Primavera*, Vales e montes entre o Lis e Lena, “Floresta terceira”).

A terra assim descrita, com a emoção própria do poeta, é Leiria, os vales do Lis, o recanto onde Lis e Lena se juntam para, enlaçados, buscarem o mar. Mas, retiradas as referências aos dois rios, o retrato que nos sobra poderia ser de qualquer pedaço desta região que vem de Peniche ou Bombarral até Pombal. Todos os ingredientes ali estão, próprios dos campos e bosques a que a nossa vista se vem acostumando, quando tempo lhe damos para contemplar a formosura da natureza que nos povoa e que povoamos.

Dirão os mais cétricos que o observador exagera, neste seu afã de buscar identidades onde elas não existem, de estabelecer laços de parentesco onde a observação minuciosa, atenta, racional e fria lhes vinha negando; que exagera na sua teimosia, cujos resultados a própria evidência lhe nega.

Críticas duras, sem dúvida, mas a que o nosso observador não poderá furtar-se, escolhido que foi o caminho da afirmação duvidosa.

Retirárá, então, o nosso observador o olhar de sua contemplação, desviá-lo-á, por uns minutos, do território que do seu posto vinha observando, da viagem que, com minúcia e atenção, veio fazendo. E fechará o olhar sobre si mesmo, forma, como se sabe, de o lançar bem mais longe, para fora do objeto de contemplação que havia escolhido.

E eis senão quando o nosso observador adota nova via. E nela se pergunta qual a identidade de povos e reinos e nações. Quais os traços, por exemplo, que definem a identidade de um dos mais poderosos do mundo, o povo americano, se é que povo americano existe; e descobre, para seu espanto e de seus críticos, que os únicos laços de identidade que possui são o hino, a bandeira, o Presidente. E nesses três se funda o ser americano. E neles três radica a coesão.

E nessa nova via se pergunta sobre os laços de identidade dessa enorme nação chamada Itália, que a História viu crescer desconjuntada em estados e ducados e principados e casas senhoriais. E descobre que nenhuma resposta há e que a construção desse estado italiano assentou em contingências adjetivas, mais do que em razões substantivas. Chamemos-lhe políticos a esses elos de identificação e não nos enganaremos, comenta, em surdina, o nosso observador. E nota, logo depois, que o mesmo pode dizer-se de Espanha, aqui ao lado, somatório de pequenas nações que dão por nome Galiza, Catalunha, Castela, País Basco, Astúrias, Andaluzia; e que, na fusão de estados dentro do estado, a identidade de cada um se não esbateu e sobrou, apenas, para o povo espanhol, a identidade política, não raro alicerçada na força.

Não caminha mais longe, no mergulho que fará dentro de si, o nosso observador. Porque depressa há-de concluir que a identidade de cada povo, de cada território, de cada região é tecida, antes de mais, da vontade das gentes que constituem esse povo, que habitam esse território, que povoam essa região.

Regressará, então, o nosso observador às terras que do sul de Coimbra se estendem até às franjas mais a norte das terras vizinhas de Lisboa; que do mar se vão alargando até confinar com as serranias que separam de um outro interior. E, no seu regresso à observação iniciada, depara-se com uma pergunta, teimosa e insistente: que território é este? E descobre que é um território que não é. Um território que já não é Coimbra, como bem se vê por usos e costumes, por linguagens e rituais, por economia e por quotidianos, por culturas e por gentes; um território que ainda não é Lisboa, também, por distante da cidade grande ficar, por ter outras práticas, outras crenças, outras esperanças, outras angústias.

E recusa-se o nosso observador a aceitar que este território tenha de ser, por estranha condição do destino, coisa nenhuma, que é o nome que se dá ao que não é uma coisa nem é outra, ao que parece ser por exclusão de partes, ao que se afirma apenas porque não. Porque coisa nenhuma é algo que não é; e este território é, existe, tem gentes, mulheres e homens, património, raízes, história. E pensa o nosso observador que um território que parece ser coisa nenhuma, mas que terá de recusar-se a ser coisa nenhuma tem de fazer as suas escolhas. Como fizeram os povos que têm como único elo de identidade a bandeira, o hino, o rei.

É então que o nosso observador olha, com maior atenção, o território que do seu posto de vigia observou. E descobre que, para além das diferenças, muitas são as semelhanças. E conclui que o que distingue cada pequeno pedaço acabado de visitar desse outro pedaço

que lhe fica ao lado ou de um outro que mais abaixo se desdobra, o que os distingue, repara, é circunstancial, adjetivo, e o que os aproxima pode ser substantivo, essencial, dominante. E vislumbra pontos de contacto onde antes quase só lhe parecia ter encontrado diferenças. E repara que em todo esse território há pessoas e que só nelas se podem fundar os laços de parentesco e as sementes de identidade. E que o mais é nada.

E eis que numa curva de um de seus percursos, em meio de tantas encruzilhadas, se cruza o nosso observador com um outro colega de mester, observador, portanto, também ele, e, para mais, poeta, senhor de visão mais aguçada e atenta e, neste caso, insuspeita, por não ter raízes na região que observa e descreve. De Miguel Torga se trata, que as contingências fortuitas da vida levaram a jornadear, por algum tempo, na cidade do Lis e, a partir dela, a visitar campos e trilhos que lhe são circundantes. E detém-se, por um pouco, o observador a ouvi-lo, na sua serenidade quase lírica:

“E começámos a percorrer sistematicamente os arredores, num inventário minucioso que começava na capela dos oragos e acabava na erudição dos abades. Marrazes, Milagres, Cortes, Monte Real, Praia da Vieira, Marinha Grande, S. Pedro de Muel... Mas pouco a pouco a circunferência foi-se alargando: Nazaré, S. Martinho, Caldas da Rainha, Óbidos, Areia Branca, Atouguia da Baleia, Peniche, Baleal, Porto de Mós, Mira de Aire, Ourém... E eu ia enchendo os sentidos de uma geografia terrena e humana insuspeitada, numa aprendizagem imprevista, de que só agora verificava a carência. À negra granítica e xistosa familiar, do pico e do enxadão, fitava o complemento calcário do maço e do cinzel e o debrum oceânico da quilha e do remo. Os livros tinham-me ensinado. Uma coisa, porém, era ler descrições de compêndio e ver postais ilustrados, e outra contemplar o próprio corpo pulsátil da paisagem, surpreender os monumentos na sua majestade recolhida, seguir uma vela branca na sua líquida planura azul.

Logo nos primeiros passeios, fora um pasmo. De surpresa em surpresa, os olhos quase não queriam acreditar que houvesse na pátria tantos encantos secretos, que pudessem testemunhar semelhante festival de luz e harmonia. Cobertas por um céu escorrido de cetim claro e vestidas de farrapos de cores variegadas, as terras altas, magras e ossudas iam progressivamente descendo para o mar em brandas e ubérrimas colinas de verdura coalhada, até acabarem rasas e desmaiadas à beira de água ou brusca-mente paradas em arribas, numa entrega despida à carícia ou à fúria das ondas. Mas a esse banquete dos sentidos juntava-se ainda a alegria da compreensão. Só

depois de pisar o chão de Aljubarrota é que pude admirar plenamente o génio tático do Condestável [.....] Em Alcobaca, a soletrar latim, encontrava o universo ecuménico da religião; na Batalha, a ler português, descobria a dimensão íntima da pátria. Cada convento, cada castelo, cada alpendre, dava-me a resposta a perguntas que há muito fazia em vão. Na fachada de uma igreja o tempo escalonava-se por andares, a mostrar a riqueza, a fé, os gostos e a filosofia de cada época. O ritmo das danças, a candura das lendas, os doces festivos, os trajes, os utensílios de trabalho, os jogos e as próprias falas datavam os lugares e historiavam-lhes a vida. A erosão de uma falésia, a fixação de uma duna, o assoreamento de uma barra, a drenagem de um pântano justificavam e davam sentido à fisionomia de certos enigmas: à ilha fantasmagórica desgarrada à vista da costa, à argola de amarragem a um quilómetro do mar, à lagoa de água salgada a resplandecer por detrás de um canal.

(Miguel Torga, *A criação do mundo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 3 ed., 2002: 388-389)

Longo foi o súbito encontro com o poeta. Longo, mas não fastidioso. Porque terá dado ensejo ao observador de, num ápice, como que em inesperada epifania, encontrar resposta para as dúvidas que vinha formulando, com passo hesitante e rumo incerto, e confirmação para as respostas que, de mão insegura, viera construindo. Talvez, afinal, haja semelhanças. Talvez, afinal, o parentesco tão pressurosamente buscado e não menos pressurosamente contestado não seja uma miragem. Talvez os laços, afinal, não sejam assim tão ténues e difusos.

Construiu o observador seu miradouro, lugar de afadigada vigia e aturada vigília, de onde pôde contemplar o longe e o perto, o tempo e o espaço, o vai e vem dos dias e o vai e vem das gentes, os rostos e os passos, as vozes e os silêncios, as mansões e os casebres, o marulhar do vento e o mergulhar das águas. Construiu o observador seu miradouro. Dele observou e anotou semelhanças e diferenças, traços de união e linhas de divergência. Verificou os pontos de ligação e os encaixes e sondou as falésias e os abismos. Contempla, agora, o caminho percorrido. E verifica que grande é o desafio que ao território acabado de percorrer se apresenta; que grande é o desafio que se apresenta a suas gentes: podem continuar de costas voltadas a edificar paredes e muralhas, é certo, e nesse afã desenhar um futuro incerto; ou podem, ao invés, partir rumo aos dias que aí vêm, de olhar alanceado ao longe, a construir pontes. Teses e teorias, há-as em quantidade bastante para sustentar ambas as opções. Mas, como sempre, é às mulheres e homens, às gentes que são protagonistas e também obreiras do destino, que compete decidir.